

Martha Regina Maas

martharmaas@gmail.com

Maristela Pereira Fritzen

mpfritzen@gmail.com

Abelardo José Avelino Neto

abelardo_avelino@hotmail.com

A língua alemã em antiga zona de imigração no vale do Itajaí (SC): um estudo em duas comunidades

The German language at an old immigration area in Itajaí valley (Santa Catarina State): A study in two communities

RESUMO - Discutimos, neste artigo, dados parciais de uma pesquisa mais abrangente que objetivou realizar um levantamento da situação linguística em duas comunidades teuto-brasileiras, localizadas na zona rural de Blumenau, no Vale do Itajaí, Santa Catarina. Quanto à dimensão teórica, o estudo filia-se às áreas da Linguística Aplicada e à Sociolinguística, especialmente no tocante à escolarização em contextos multilíngues e interculturais. Com relação aos procedimentos metodológicos, para atingir esses grupos sociais, partimos das escolas municipais localizadas em cada uma das comunidades. Os instrumentos utilizados foram dois questionários sociolinguísticos. O primeiro foi aplicado aos alunos do Ensino Fundamental I e o segundo, às suas famílias. Os dados apontam que a língua alemã é utilizada na maioria das esferas sociais, na modalidade oral, especialmente no âmbito familiar. Os resultados indicam que grande parte dos sujeitos são bilíngues. Os pais dos alunos demonstram atitudes positivas em relação à língua de herança, além de apontarem a relevância de ambas as línguas para o futuro de seus filhos. Esta pesquisa permite refletir sobre a importância de se garantir, na educação formal, o aprendizado da língua alemã, ao lado do português, em contextos bilíngues como esses. Concluímos reafirmando a necessidade de serem desenvolvidos mais estudos com o objetivo de compreender a situação sociolinguística em comunidades bi/multilíngues, para que novas políticas de educação linguística possam ser fomentadas, garantindo uma educação intercultural.

Palavras-chave: contextos multilíngues, língua alemã, bilinguismo social.

ABSTRACT - In this paper we discuss partial data of a research project that had the objective of carrying out a survey of the linguistic situation in two German-Brazilian rural communities, in Blumenau, located in the Itajaí Valley, Santa Catarina State. Concerning the theoretical dimension, this study is affiliated to the areas of Applied Linguistics and Sociolinguistics, specifically concerning schooling in multilingual and intercultural contexts. In relation to the methodological procedures, for reaching these social groups, we started from the schools located in the mentioned communities. The instruments used were two sociolinguistic questionnaires, one answered by students of the Elementary Schools and the other by their families. The data indicate that the German language is used in most of the social spheres, on oral mode, especially in the familiar scope. The results show that a great part of the subjects are bilingual, and their parents show positive attitudes concerning their inheritance language, besides mentioning the relevance of both languages for their children's future. This research allows us to reflect upon the importance of assuring the learning of the German language in formal education, side by side with Portuguese, in bilingual contexts like these ones. We conclude by reaffirming the need of further studies in order to understand the sociolinguistic situation in bi/multilingual communities, so that new policies of linguistic education could be enhanced, ensuring an intercultural education.

Keywords: multilingual contexts, German language, social bilingualism.

Introdução

Vivemos num país multicultural e plurilíngue. Isso significa que no Brasil coexistem, ao lado do português como língua oficial, outras línguas, como as indígenas, as de imigração, a Libras, formando diversos

“cenários sociolinguisticamente complexos” (Cavalcanti, 1999, 2011). Quanto às línguas de imigração, grande parte da diversidade existente se formou devido ao incentivo às políticas imigratórias que iniciaram, de forma sistemática, em 1824. Nesse processo, povos europeus vieram para o Brasil para ocuparem terras ditas devolutas

e trabalhar, principalmente, nos três estados da região Sul (Seyferth, 1999).

Atualmente, ainda há, especialmente no Sul do país, a presença de grupos de descendentes de imigrantes que mantêm a sua língua de herança. A região do Vale do Itajaí, no estado de Santa Catarina, é um exemplo disso. Especialmente em comunidades rurais da região¹, o alemão, como língua minoritária, ainda é aprendido em casa e continua sendo usado no ambiente familiar como língua de interação (Fritzen, 2007b).

Dados dessa situação linguística do Vale do Itajaí foram encontrados no censo do IBGE de 1940. Naquele ano, o levantamento mostra que 97% da população de Blumenau, antiga zona de imigração alemã, utilizava a língua alemã cotidianamente. A presença dessa língua se fazia na esfera familiar, no sistema de ensino, na imprensa, entre outros (Mailer, 2003; Oliveira, 2002). Essa situação se alterou a partir da campanha de nacionalização do ensino da Era Vargas, a qual será abordada mais adiante. Ainda com relação ao censo do IBGE, desde 1950², o quesito “língua” não faz mais parte dos dados desse censo. Atualmente, não há levantamento que determine o número de pessoas, no Brasil, que ainda fala e mantém, em suas relações familiares e sociais, línguas de imigração (Altenhofen, 2013). Dessa maneira, como já apontado em pesquisas anteriores (Fritzen, 2007b), verificamos a necessidade premente de conhecer, de forma mais aprofundada, a situação sociolinguística de comunidades bi/multilíngues em zonas de imigração, a fim de contribuir para o debate em torno das políticas de educação linguística nacionais e locais.

Neste artigo, pretendemos discutir dados parciais de um projeto de pesquisa mais abrangente que tem como objetivo geral realizar um levantamento da situação linguística em comunidades teuto-brasileiras de Blumenau (SC).

Para melhor organizar a discussão dos dados, este trabalho está dividido da seguinte maneira: após esta parte introdutória, apresentamos o contexto da pesquisa e sua metodologia; em seguida, a discussão dos dados em seções de análise de acordo com os objetivos específicos do projeto: (a) verificar os usos nas modalidades oral e escrita da língua alemã; (b) determinar os domínios sociais de usos do alemão e do português; (c) depreender atitudes dos falantes com relação às línguas presentes nas comunidades; por fim, apresentamos as considerações finais na tentativa de reafirmar a necessidade de se realizarem levantamentos mais aprofundados em outras comunidades de Blumenau e em outros cenários similares, a fim de ampliar os

conhecimentos sobre a diversidade linguístico-cultural presente nas escolas de educação básica em comunidades bi/multilíngues da região e do Brasil.

O contexto da pesquisa

Na presente pesquisa, reportamo-nos a uma língua de imigração que, devido à sua situação atual no contexto brasileiro, pode ser entendida como “língua minoritária”. De acordo com Maher (2007), esse conceito é mais político e ideológico do que linguístico, pois essa classificação de língua não se associa ao número de falantes que dela fazem uso, mas ao prestígio social do qual desfruta. Assim, a língua é considerada minoritária pelo fato de ser utilizada por um grupo minoritário e/ou minoritarizado (Cavalcanti, 2011), geralmente invisibilizado ou estigmatizado, como é o caso, muitas vezes, dos falantes de línguas de imigração. Acontece também, frequentemente, de as línguas de imigração não serem consideradas línguas, mas apenas “dialetos” muito distantes do ideal da língua supostamente falada nos países de origem (Fritzen, 2007a, 2012; Fritzen e Ewald, 2011; Fritzen e Maas, 2012).

Essas atitudes não valorizam a diversidade linguística de um local e acabam considerando, muitas vezes, apenas uma língua como oficial, no caso do Brasil, a língua portuguesa. Quando há situações de valorização e ações em favor de apenas uma língua em detrimento de outras, temos o que a literatura especializada chama de “mito do monolingüismo” (Bortoni-Ricardo, 2004; César e Cavalcanti, 2007; Bagno, 2007). O contexto em estudo é um exemplo no qual há manifestações culturais de grupos de descendentes de imigrantes e de outros grupos também presentes na região que formam, assim, uma realidade multicultural e plurilíngue que muitas vezes não é valorizada.

Quando olhamos para a história de nosso país, há diversos fatos que mostram as tentativas de imposição de uma única língua oficial no território brasileiro e a consequente desvalorização da diversidade cultural aqui existente. Dentre esses acontecimentos, duas campanhas de nacionalização do ensino, empreendidas no século XX, merecem destaque. As escolas teuto-brasileiras, situadas no estado de Santa Catarina, faziam parte de um sistema de ensino comunitário e religioso. A partir de 1911, esse sistema passou pela primeira campanha, desencadeada pelo governador do estado, Vidal Ramos (Luna, 2000). Muitas escolas foram fechadas, pois a língua portuguesa, segundo as novas medidas, deveria imperar como única língua de instrução.

¹ Reconhecemos também a presença de grupos indígenas no Vale do Itajaí, além de italianos e poloneses, mas nos referimos, neste trabalho, ao grupo teuto-brasileiro pelo foco da pesquisa ora relatada.

² O Censo do ano de 2010 investigou a língua falada pelos indígenas residentes no território brasileiro: o estudo revelou que foram identificadas 274 línguas indígenas. Dos indígenas com 5 anos ou mais de idade, 37,4% falavam uma língua indígena e 76,9% falavam português (IBGE, 2012). No entanto, o Censo de 2010 não se ateve ao levantamento sobre as línguas brasileiras de imigração ainda presentes no país.

De acordo com Luna (2000, p. 40), além de reformular, de forma geral, o sistema educacional do estado, o professor paulista Orestes Guimarães, responsável por esse processo, também deveria “resolver a questão da assimilação dos grupos imigrantes.” As formas utilizadas para alcançar esses objetivos foram diversas: desde leis e decretos proibindo o uso de outras línguas, como também a imposição do uso da língua portuguesa em todas as disciplinas escolares.

Para as comunidades em zonas de imigração alemã, especialmente, a política de nacionalização teve consequências duplamente nocivas: não permitiu o acesso à escrita da língua alemã, bem como não favoreceu o acesso ao português, uma vez que não ofereceu as condições de instrução escolar para que isso acontecesse (Altenhofen, 2013, p. 109).

Posteriormente, entre os anos de 1937 e 1945, foi implantada a segunda campanha de nacionalização do ensino, durante o regime do Estado Novo, que intensificou as repressões linguísticas. Dessa vez, outras instituições ligadas à língua alemã, além do sistema de ensino, também foram atingidas: a imprensa, associações e clubes tiveram suas atividades paralisadas e foram fechados. Novos decretos e leis foram criados, deixando muitos grupos de teuto-brasileiros sem acesso à escola, à língua portuguesa e sem o direito de se expressarem na língua de seu grupo familiar. A perseguição e o uso da força física, para reprimir falantes das línguas de imigração, foram meios utilizados para impor o silenciamento desses grupos³ (Fáveri, 2004; Gaertner, 2004; Fritzen e Ewald, 2013).

Oliveira (2002, p. 88) aponta algumas consequências decorrentes dessas campanhas: “[...] a escola da ‘nacionalização’ estimulou as crianças a denunciar os pais que falassem alemão ou italiano em casa, criando sequelas psicológicas insuperáveis para esses cidadãos que, em sua grande maioria, eram e se consideravam brasileiros, embora falando alemão.”

Esses acontecimentos ilustram parte das ações que resultaram, com o passar do tempo, na perda da referência escrita das línguas de herança dos grupos de imigrantes. Diante desse quadro, podemos olhar para a situação da língua alemã na educação formal, atualmente, na região do Vale do Itajaí. Na cidade de Blumenau, o alemão voltou ao sistema escolar em 1977-1978, em duas escolas da rede municipal, de forma extracurricular, como língua estrangeira. Em 1984-1985, a língua passou a fazer parte, oficialmente, do currículo de sete escolas públicas, como disciplina opcional (Mailer, 2003).

No ano de 2002, professores da rede municipal se reuniram, com o apoio da Secretaria Municipal de

Educação e do IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística), e iniciaram um programa de política linguística para o município. Inserido neste programa, estava o Projeto “Escolas Bilingües” que pretendia, em escolas multisseriadas⁴ da região rural, oferecer o ensino de português ao lado do alemão (Mailer, 2003; Fritzen, 2012).

Em decorrência de alterações nessa política linguística que estava sendo gestada, o Projeto “Escolas Bilingües” não foi concretizado. A partir de 2005, as escolas municipais multisseriadas, como as duas que serviram de suporte para a pesquisa ora relatada, passaram a oferecer uma aula semanal de alemão a partir da educação infantil. Nas demais escolas municipais, de um conjunto de 50 escolas, há 20 que oferecem uma aula de alemão e uma de inglês por semana, a partir do 4º ano do Ensino Fundamental. Assim como pesquisas anteriores já apontaram, percebemos que o alemão não se tornou a língua de instrução nas disciplinas curriculares (como era a ideia inicial do Projeto “Escolas Bilingües”), pois, apesar da inserção de uma disciplina curricular nessa língua, as demais disciplinas continuam tendo a língua portuguesa como língua de instrução (Fritzen, 2012).

Sobre a realização da pesquisa e sua metodologia

A pesquisa aqui relatada é de cunho quantitativo e qualitativo e filia-se, quanto à dimensão teórica, às áreas da Linguística Aplicada e da Sociolinguística, especialmente no tocante à escolarização em contextos multilíngues e interculturais. Como cenário, o estudo contemplou duas comunidades rurais localizadas ao norte do município de Blumenau (SC), no distrito da Vila Itoupava, a cerca de 30 km do centro da cidade. Segundo o Censo do IBGE de 2010, o distrito tem 5.312 moradores, com uma densidade demográfica de 63 pessoas por km².

O acesso aos grupos sociais se deu por meio da escola municipal multisseriada inserida em cada localidade do distrito. Em geral, a escola é uma instituição social reconhecida em localidades como essas e costuma agregar os moradores em torno de suas práticas e eventos. A comunidade de Braço do Sul (doravante comunidade 1) possui 660 moradores. A escola desta comunidade é uma escola do campo e atende 66 alunos da educação infantil ao 5º ano. Ao lado do educandário, há um templo da Igreja Luterana (IELCB) que celebra, mensalmente, cultos em língua alemã e que também possui um jornal, com circulação regional, que contém seções em língua alemã. Há também um cemitério e um clube recreativo próximos à escola. A segunda escola, localizada na co-

³ Fáveri (2004), Gaertner (2004) e Fritzen e Ewald (2013) recuperaram memórias de teuto-brasileiros com referência a esse período de repressão linguística.

⁴ Escolas multisseriadas são compostas por turmas nas quais apenas uma professora atende a várias séries/anos ao mesmo tempo, na mesma sala.

munidade rural da Rua Viena (doravante comunidade 2), também é uma escola do campo e atende 27 alunos desde a educação infantil até o 5º ano. A escola foi construída no topo de um morro e há apenas casas domiciliares nas redondezas, além de um comércio de bebidas típicas mais no início da rua.

Como instrumentos para a geração de dados, utilizamos dois questionários sociolinguísticos contendo perguntas de múltipla escolha (fechadas) e outras com espaço para respostas discursivas (abertas). Primeiramente, aplicamos os questionários aos alunos do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) das referidas escolas e, posteriormente, às famílias desses alunos.

No segundo semestre do ano de 2012, aplicamos os primeiros questionários sociolinguísticos que foram respondidos por 50 alunos da escola da comunidade 1 e por 21 alunos da comunidade 2. No primeiro semestre de 2013, enviamos os questionários para serem respondidos pelas famílias dos alunos.

Como visto, a segunda parte da aplicação dos questionários aconteceu no início do ano letivo, período no qual alguns alunos estavam saindo e também entrando nas escolas. Assim, novas famílias (que não faziam parte do estudo anteriormente) acabaram sendo abrangidas pela pesquisa. Na comunidade 1, 16 famílias responderam ao questionário e, na comunidade 2, ele foi respondido por 21 famílias. Esta diferença entre os números de alunos e famílias que participaram da pesquisa deve-se também ao fato de que muitas crianças têm irmãos estudando na mesma escola, assim, a família respondeu a apenas um questionário valendo para ambos os filhos.

As comunidades participantes da pesquisa foram escolhidas devido às suas características culturais e por terem feito parte do grupo de escolas multisseriadas que, a partir das políticas linguísticas iniciadas em 2002 no município, seriam transformadas em escolas bilíngues, como mencionado anteriormente. Além desse aspecto, a escola 1 tem sido foco de pesquisas anteriores (Fritzen, 2007b).

A presença e os usos das línguas alemã e portuguesa nas comunidades

Nesta seção, buscamos discutir os dados gerados⁵ por meio dos questionários, relacionando-os com os aportes teóricos da pesquisa. Primeiramente, analisamos as respostas às perguntas fechadas acerca dos usos das línguas alemã e portuguesa nas comunidades e, em seguida, as respostas às perguntas abertas acerca das atitudes dos alunos e das famílias em relação a essas línguas.

Quanto ao bilinguismo, compreendido neste estudo como “uma capacidade de fazer uso de mais de uma língua” (Maher, 2007, p. 79), os dados apontam que 50% das crianças da comunidade 1 são bilíngues, enquanto na comunidade 2 64% das crianças o são. Um dado que consideramos relevante foi o fato de alguns alunos bilíngues terem declarado que aprenderam o português somente na escola, ou seja, sua primeira língua, aprendida e falada em casa, foi o alemão.

A partir dos questionários respondidos pelas crianças, constatamos que a maioria delas mantém o alemão como língua de interação na esfera familiar: elas o utilizam em diálogos com os pais, tios, primos e avós. Outro dado que chama a atenção é que muitos alunos, monolíngues em português, acabam tendo contato com a língua alemã justamente pelo fato de conviverem com colegas bilíngues e também por terem a prática e aprendizado da língua nas aulas de alemão oferecidas na escola.

Em ambas as escolas, as crianças demonstraram que fazem uso frequente da língua alemã nas seguintes situações: leitura de livros; escuta de rádio; navegação na internet; escritura de mensagens; cálculos matemáticos; ao se expressarem quando irritados⁶ e em conversas com os amigos quando estão brincando. Isso mostra uma diversidade de práticas e situações nas quais a língua alemã é utilizada em ambos os grupos.

Os dados que apontam as pessoas das famílias que utilizam a língua alemã, em cada comunidade, estão apresentados nos Gráficos 1 e 2 a seguir.

A partir desses números, podemos reafirmar a condição de bilinguismo social das comunidades estudadas, pois, como apontado, a maioria dos membros das famílias faz uso da língua alemã. Também constatamos a manutenção da língua pelas novas gerações, pois o número de crianças falantes de língua alemã é próximo ao número de adultos falantes de alemão. Os avós não fizeram parte destes gráficos, pois nem todos convivem no núcleo familiar pesquisado (Gráficos 3 e 4).

Os Gráficos 3 e 4 mostram que 77% das famílias pesquisadas (em uma média entre as duas comunidades) são falantes da língua alemã. Quanto à frequência de uso da língua, podemos verificar nos Gráficos 5 e 6.

A partir do exposto anteriormente, constatamos que, nas famílias, a língua alemã é utilizada concomitantemente com a língua portuguesa. Nesse sentido, podemos pensar o bilinguismo como um fenômeno social. Diferentemente do bilinguismo “de elite” ou “de escolha”, ou seja, daquele em que se aprende uma segunda língua, geralmente de prestígio (como o inglês, por exemplo),

⁵ Utilizamos a expressão geração de dados com base em Mason (1996, p. 56, tradução nossa): “Eu acredito ser mais preciso falar de geração de dados ao invés de coleta de dados, precisamente porque a maioria das perspectivas qualitativas rejeitaria a ideia de que um pesquisador pode ser um coletor de informações completamente neutro sobre o mundo social”.

⁶ Uma das perguntas incluía esse tipo de situação espontânea, pois, atualmente, é consenso na literatura da área que, quando se vivencia esse tipo de situação, em geral, a língua que é usada espontaneamente é a língua com a qual a pessoa tem mais familiaridade (Riehl, 2009).

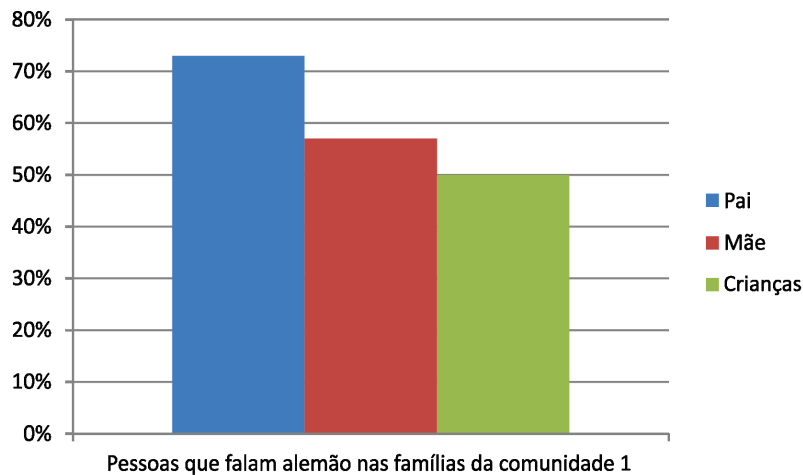


Gráfico 1. Pessoas que falam alemão nas famílias da comunidade 1.

Graph 1. People who speak German in the families of community 1.

Fonte: questionários das famílias.

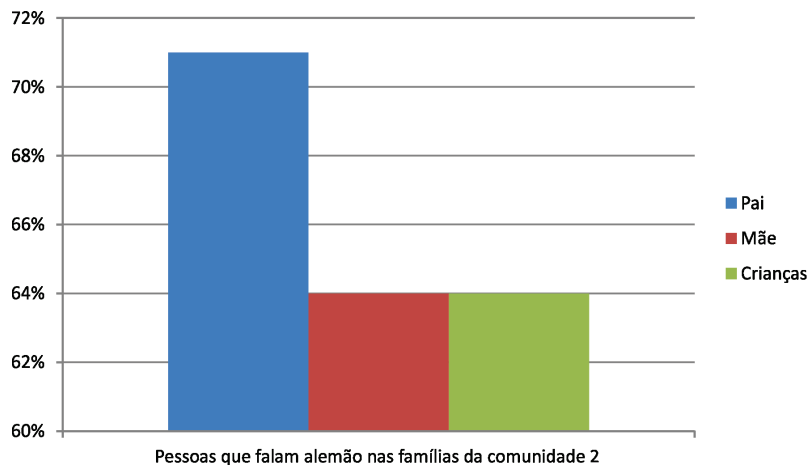


Gráfico 2. Pessoas que falam alemão nas famílias da comunidade 2.

Graph 2. People who speak German in the families of community 2.

Fonte: questionários das famílias.

por opção (Cavalcanti, 1999), os membros dessas comunidades aprendem a língua alemã e portuguesa por outros motivos, ligados a fatores histórico-culturais e identitários.

Nesse mesmo sentido, cabe ressaltar ainda os fatores político-linguísticos relacionados ao uso das línguas portuguesa e alemã nas famílias, pois, historicamente, sabemos que as primeiras gerações de imigrantes que viviam em regiões do interior, em geral, não tinham acesso ao aprendizado da língua portuguesa, o que contribuiu, assim, para a manutenção das variedades da língua alemã (Schneider, 2007).

As Tabelas 1 e 2 apresentam os locais e situações nos quais as famílias utilizam a língua alemã.

A partir das respostas e dos dados apresentados, podemos constatar que entre as práticas sociais de leitura e de escrita que ocorrem na igreja, estão presentes “eventos de letramento” (Kleiman, 2007) na língua alemã. Isso confirma a informação anterior de que há ainda hoje cultos na língua de imigração nas comunidades.

Quanto aos usos da modalidade oral da língua alemã, as famílias a apontaram como melhor opção para se comunicarem com familiares, enquanto a preferência pela língua portuguesa se deu em relação à comunicação externa, com colegas de trabalho e em locais públicos. Esses dados reafirmam o que já mencionamos neste estudo: o alemão, como língua de imigração, é usado

A língua alemã nas famílias da comunidade 1

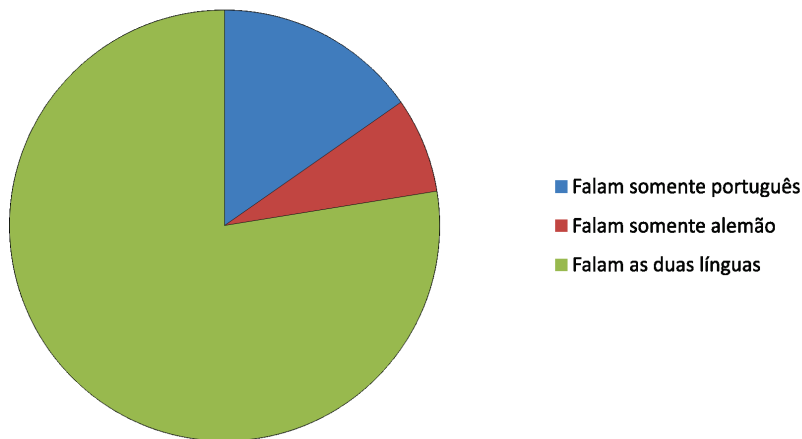


Gráfico 3. A língua alemã nas famílias da comunidade 1.

Graph 3. The German language in the families of community 1.

Fonte: questionários das famílias.

A língua alemã nas famílias da comunidade 2

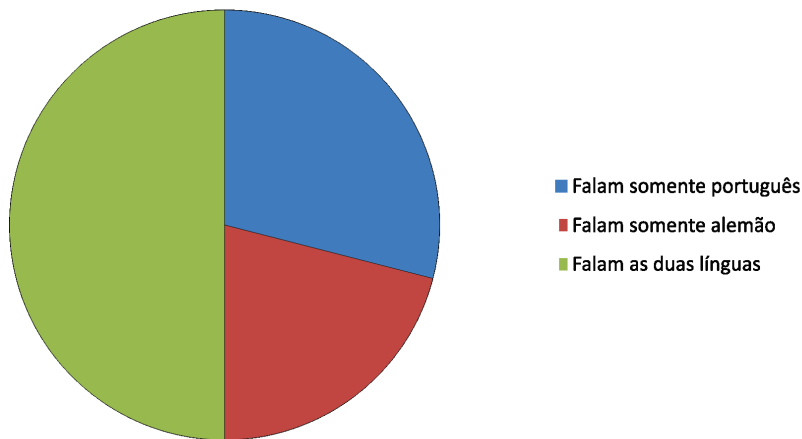


Gráfico 4. A língua alemã nas famílias da comunidade 2.

Graph 4. The German language in the families of community 2.

Fonte: questionários das famílias.

predominantemente em ambientes relacionados à esfera familiar.

Quanto aos usos da modalidade escrita da língua alemã, 97,5% dos alunos afirmaram que costumam escrever na escola e em sala de aula, mostrando-nos, assim, que essa prática é recorrente no ambiente esco-

lar, para todos os alunos, tanto para os bilíngues como para os monolíngues. Dessa maneira, podemos refletir acerca do papel que a escola tem como uma “agência de letramento⁷” que possibilita aos alunos sua inserção em práticas de leitura e de escrita na língua alemã: tanto para os alunos bilíngues que têm a oportunidade

⁷ Utilizamos a perspectiva dos estudos do letramento a partir de Kleiman (2007) e de Street (2003). Assim, letramentos compreendem práticas socioculturais situadas de leitura e de escrita. A escola torna-se, dessa forma, uma agência de letramento, responsável pela inserção do aluno em práticas de leitura e escrita.

Frequência da fala de alemão em casa - Comunidade 1

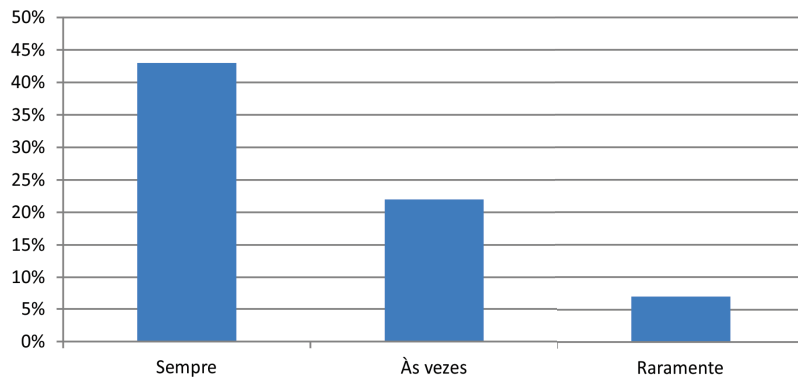


Gráfico 5. Frequência de fala da língua alemã em casa – Comunidade 1.

Graph 5. Frequency of speaking the German language at home – Community 1.

Fonte: questionários das famílias.

Frequência da fala de alemão em casa - Comunidade 2

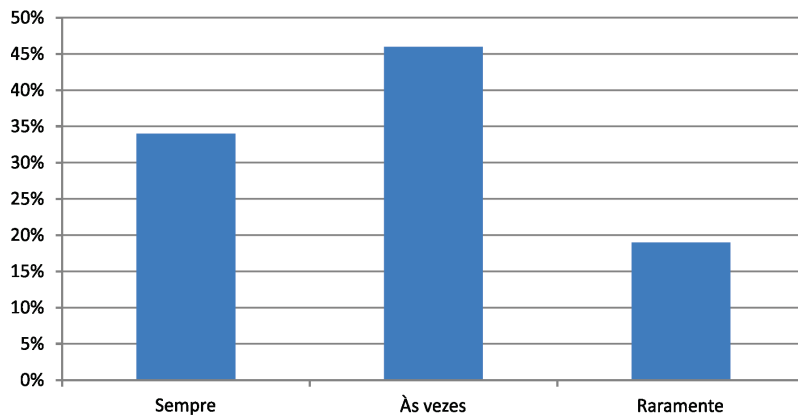


Gráfico 6. Frequência de fala da língua alemã em casa – Comunidade 2.

Graph 6. Frequency of speaking the German language at home – Community 2.

Fonte: questionários das famílias.

de aperfeiçoarem seus conhecimentos adquiridos em casa, quanto para os alunos monolíngues em português que aprendem uma nova língua presente na comunidade em que vivem.

No âmbito familiar, a maioria dos pais (83%) respondeu que não sabe ler em alemão, reforçando, dessa maneira, o caráter oral da língua nesse contexto. Sobre esse fato, podemos constatar um efeito das campanhas de nacionalização, citadas anteriormente, que retiraram a língua alemã do currículo e do espaço escolar durante um longo período da história da região, negando a essas comunidades, assim, o acesso à modalidade escrita da língua de herança.

Quanto à presença de material escrito no ambiente familiar, houve uma dissonância entre as realidades das duas comunidades: na comunidade 2, apenas 28% dos pais afirmaram possuir material escrito, sendo este o caderno de escola dos filhos; já na comunidade 1, 50% dos pais afirmaram ter, em casa, *dvds* e filmes em língua alemã. Ao relacionarmos esses números aos dados dos dois primeiros gráficos, constatamos que não há uma relação direta entre a porcentagem de pessoas falantes de alemão e a presença de material escrito em suas casas, pois, em ambas as comunidades, a grande maioria das pessoas das famílias é bilíngue, porém, os números se tornam desproporcionais quando se trata da presença de

Tabela 1. Locais e situações nos quais as famílias utilizam a língua alemã na comunidade 1.

Table 1. Places and situations in which the families use the German language in the community 1.

Locais e situações nas quais as famílias utilizam a língua alemã na comunidade 1	
Reuniões e festas de família	100%
Comércio	92%
Festas e reuniões escolares	92%
Trabalho	88%
Amigos	88%
Clubes de caça e tiro	84%
Igreja	84%

Fonte: questionários das famílias.

material escrito nas casas. Refletimos, assim, acerca da dificuldade de acesso a materiais escritos em língua alemã por parte das famílias, pois, além da escola, apenas a Igreja distribui um jornal com parte dos textos em alemão, como mencionado anteriormente.

Atitudes dos alunos e pais em relação às línguas presentes nas comunidades

Nos parágrafos que seguem, analisaremos os dados obtidos a partir das três perguntas abertas do questionário. Quando perguntado aos alunos: “qual a língua que você mais gosta de falar?”, 68% responderam em favor da língua portuguesa. As justificativas se deram, principalmente, pelo argumento “porque é mais fácil”. Quanto a esses números e respostas discursivas dos alunos, podemos refletir a partir do fato de eles serem alfabetizados em língua portuguesa, mesmo que adquiram, muitas vezes, primeiramente a língua alemã no ambiente familiar. O contato com a escrita do alemão fica restrito, como mencionamos anteriormente, às aulas de alemão. Ressaltamos que esse dado merecia uma investigação mais profunda junto aos alunos a fim de desvelar suas representações sobre as línguas.

Outra pergunta contida no questionário dizia respeito à opinião dos pais quanto ao ensino de língua alemã nas escolas. Nas respostas, 100% dos pais, de ambas as escolas, veem-no como positivo. Após a análise das diferentes justificativas dadas por eles, podemos dividi-las em três diferentes grupos. O primeiro é formado por pais e famílias monolíngues que veem a importância desse aprendizado devido ao fato de os filhos “aprenderem novas línguas”, “uma outra língua”, “mais línguas”, “uma

Tabela 2. Locais e situações nos quais as famílias utilizam a língua alemã na comunidade 2.

Table 2. Places and situations in which the families use the German language in the community 2.

Locais e situações nas quais as famílias utilizam a língua alemã na comunidade 2	
Reuniões e festas de família	71%
Comércio	71%
Festas e reuniões escolares	64%
Trabalho	57%
Amigos	57%
Clubes de caça e tiro	57%
Igreja	29%

Fonte: questionários das famílias.

língua estrangeira” e pelo benefício que isso trará “para o futuro deles”.

No segundo grupo, as justificativas se deram pela importância de se “manter a tradição” e de “não esquecer as origens”. Este grupo é formado por pais e famílias bilíngues que veem as aulas de alemão na escola como oportunidade para os filhos “continuarem a falar alemão”, “aprenderem um pouco mais” e “aperfeiçoarem mais o aprendizado”. Pudemos também constatar um terceiro grupo, formado por duas famílias, que, em suas respostas, questionaram a quantidade de aulas da disciplina que atualmente os filhos têm na escola: “acho importante, mas deveria ter mais aulas por semana” e “muito bom, mas gostaríamos de ter mais”. Estes pais constatam que, para o desenvolvimento pleno dos conhecimentos linguísticos prévios que os alunos já possuem, esse tempo de ensino formal não é suficiente.

Quanto ao ensino de língua portuguesa na escola, novamente todas as famílias o veem como positivo. A maior parte das justificativas tem como base a língua como “necessária” e “muito importante”, ou que “precisamos dela no dia a dia”. Há também algumas respostas que fazem comparações entre o português e o alemão: uma das famílias respondeu que “é muito importante aprender português, pois é a nossa língua nativa e de igual importância, saber falar bem é necessário.” Eles consideram que, apesar de falarem outra língua além do português (neste caso, a língua de herança) em seu convívio familiar e comunitário, veem o português como a língua oficial do país onde vivem, reafirmando a necessidade do seu aprendizado.

Algumas outras respostas reiteram o fato de o português ser “a língua oficial” e “a língua falada em nosso

país” e afirmam ser “extremamente importante conhecer o próprio idioma, suas regras, grafia correta, etc.”. Percebemos, assim, a opinião de uma família falante da língua portuguesa e que vê a escola como responsável pelo ensino da língua em seu âmbito formal.

Considerações finais

A partir do levantamento da situação sociolinguística, realizado em duas comunidades de Blumenau (SC), foi possível depreender que a maior parte dos sujeitos pesquisados são bilíngues e que esse bilinguismo se dá como um fenômeno social, uma vez que as famílias têm sido as grandes responsáveis pelo ensino e manutenção da língua de imigração. Constatamos que o ambiente familiar continua sendo o principal local de uso e interação em língua alemã, principalmente na modalidade oral. Apesar de essas escolas municipais oferecerem atualmente uma aula de alemão por semana, considerando o contexto local, esse número parece ficar aquém das necessidades das comunidades pesquisadas.

Quanto ao aprendizado das línguas alemã e portuguesa no ambiente escolar, todas as famílias pesquisadas o veem como positivo. A partir das justificativas dadas por elas, podemos refletir acerca da relevância da presença e do aprendizado dessas línguas (português e alemão) em escolas inseridas em contexto bilíngue, pois ambas foram apontadas como necessárias e importantes para o futuro das crianças. Assim, reiteramos o papel da escola como uma agência de letramento tanto na manutenção das línguas de herança, como também na aquisição de novos conhecimentos, especialmente relacionados à leitura e à escrita.

Concluimos a presente pesquisa, reafirmando a necessidade de se buscar conhecer, de forma mais aprofundada, a situação sociolinguística de comunidades bi/multilíngues da região, para que políticas de educação linguística sejam efetivadas em relação ao reconhecimento, à valorização e manutenção das línguas presentes nesse cenário, como bens culturais e como ferramentas que podem ampliar o diálogo intercultural (Candau, 2012) nas sociedades contemporâneas. Ao pensarmos na continuidade deste trabalho, também podemos destacar a necessidade de se pesquisarem as variedades das línguas alemã e portuguesa presentes nessas comunidades e em outras comunidades similares da região.

Referências

ALTENHOFEN, C.V. 2013. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: C. NICOLAIDES; K. SILVA; R. TILIO; C.H. ROCHA (eds.), *Política e políticas linguísticas*. Campinas, Ponte Editores, p. 93-116.

BAGNO, M. 2007. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo, Parábola, 238 p.

BORTONI-RICARDO, S.M. 2004. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo, Parábola, 108 p.

CANAU, V.M.F. 2012. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. *Educação & Sociedade*, **33**(118):235-250. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302012000100015>

CAVALCANTI, M.C. 1999. Estudos sobre Educação Bilingüe e Escolarização em Contextos de Minorias Lingüísticas no Brasil. *Delta*, **15**(n. especial):385-417.

CAVALCANTI, M.C. 2011. Reflexões sobre práticas de letramento em contexto escolar de língua minoritária. *Delta*, **27**(1):63-76.

CÊSAR, A.; CAVALCANTI, M. 2007. Do Singular ao Multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: M. CAVALCANTI; S.M. BORTONI-RICARDO (eds.), *Transculturalidade, Linguagem e Educação*. Campinas, Mercado de Letras, p. 45-66.

FÁVERI, M. 2004. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Florianópolis, Editora da UFSC, 533 p.

FRITZEN, M. P. 2007a. “Ich kann mein Name mit letra junta und letra solta schreib”: deutsch-portugiesisches Code-Switching in einer Grundschule im südbrasilianischen Immigrationsgebiet. *Pandaeonium Germanicum*, **11**:125-156.

FRITZEN, M.P. 2007b. “Ich kann mein Name mit letra junta und letra solta schreiben”: bilinguismo e letramento em uma escola rural localizada em zona de imigração alemã no Sul do Brasil. Campinas, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 305 p.

FRITZEN, M.P. 2012. “Ia na escola alemã e de um dia pro outro fechou. E nós não sabíamos falar o português”: refletindo sobre as políticas linguísticas em contexto de língua minoritária. *Linguagem & Ensino*, **15**(1):113-138.

FRITZEN, M.P.; EWALD, L. 2011. “Bílingue? Só se eu tivesse um curso ou escrevesse diariamente”: considerações sobre bilinguismo e educação em um contexto de línguas de imigração. *Revista Atos de Pesquisa*, **6**(1):146-163.

FRITZEN, M.P.; EWALD, L. 2013. “Aqui somos protegidos pelas nossas quatro paredes. Aqui nós falamos alemão”: histórias de letramentos interculturais no Vale do Itajaí, SC. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, **52**(2):239-258.

FRITZEN, M.P.; MAAS, M. R. 2012. ‘Eu acho que se eu fosse bilíngue eu teria que falar um alemão perfeito’: representações de professores em formação acerca de línguas de imigração. In: I Colóquio Nacional Diálogos entre linguagem e educação e VII Encontro do NEL, Blumenau, 2012. *Anais...* Blumenau, FURB, vol. 1, p. 58-72.

GAERTNER, R. 2004. *A Matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau*. Rio Claro, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, 248 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2012. Censo 2010: população indígena é de 869,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&idnoticia=2194>. Acesso em: 25/03/2014.

KLEIMAN, A.B. 2007. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Signo*, **32**(53):1-25.

LUNA, J.M.F. de. 2000. *O Português na Escola Alemã de Blumenau: da formação à extinção de uma prática*. Itajaí, Ed. da Univali/Ed. da Furb, 234 p.

MAHER, T. M. 2007. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: M. CAVALCANTI; S.M. BORTONI-RICARDO (eds.), *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas, Mercado de Letras, p. 67-94.

MAILER, V.C.O. 2003. *O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania*. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 96 p.

MASON, J. 1996. *Qualitative researching*. London, Sage, 224 p.

OLIVEIRA, G.M. 2002. Brasileiro fala português: monolinguismo e preconceito lingüístico. In: F.L. SILVA; H.M.M. MOURA (eds.), *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis, Editora Insular, p. 83-92.

- RIEHL, C.M. 2009. *Sprachkontaktforschung. Eine Einführung*. 2ª ed., Tübingen, Narr, 246 p.
- SCHNEIDER, M.N. 2007. *Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 286 p.
- SEYFERTH, G. 1999. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: B. FAUSTO (ed.), *Fazer a América*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, p. 273-313.

- STREET, B. 2003. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. *Current Issues in Comparative Education*, 5(2):1-14.

Submetido: 26/03/2014

Aceito: 14/06/2014

Martha Regina Maas

Universidade Regional de Blumenau
Rua Antônio da Veiga, 140, Victor Konder
89012-900, Blumenau, SC, Brasil

Maristela Pereira Fritzen

Universidade Regional de Blumenau
Rua Antônio da Veiga, 140, Victor Konder
89012-900, Blumenau, SC, Brasil

Abelardo José Avelino Neto

Universidade Regional de Blumenau
Rua Antônio da Veiga, 140, Victor Konder
89012-900, Blumenau, SC, Brasil